

Da frase fonológica no dialeto goiano*

Irene Zasimowicz Pinto Calaça**
Universidade Federal de Minas Gerais

Abstract

We present a description of the phonological phrase in a variety of Brazilian Portuguese spoken in the State of Goiás, according mainly to Nespór and Volgel's theory of constituents (1994). Other sources are Mira Mateus (1990) and Tcheremíssina (1969).

We intend to demonstrate that it is important to consider some prosodic elements, such as pauses, rhythm, stress, time and sandhi in order to identify phonological phrase in a more adequate way.

Neste trabalho apresentamos uma breve descrição da frase fonológica sob o ponto de vista prosódico, tendo por base uma das variedades goianas. Assim, numa pequena introdução, apresentamos ao leitor os constituintes prosódicos de Nespor e Vogel (1994), bem como a definição teórica da frase fonológica, para então discorrermos sobre os elementos prosódicos que se destacaram ora na reunião, ora na segmentação das FFs (pausas, acento e ritmo, tempo, sândi e juntura). Todos os dados foram retirados de nossa pesquisa de mestrado (CALAÇA, 1999)

1. A TEORIA DOS CONSTITUINTES PROSÓDICOS

A teoria dos constituintes prosódicos de Nespor e Vogel (1994) distingue sete níveis ou hierarquias prosódicas, as quais, num crescendo, seriam: *sílaba* (δ), *pé* (Σ), *palavra fonológica* (ω), *grupo clítico* (C), *frase fonológica* (Φ), *frase entonacional* (I) e *enunciado* (U). Esses constituintes são unidades lingüísticas complexas, compostas através da dominância de um termo, o núcleo, considerado forte, sobre outro(s) mais fraco(s). As unidades inferiores encontram-se totalmente inseridas nas de hierarquia superior.

De acordo com as autoras, (1994: 13-18), os constituintes prosódicos situam-se no nível em que processamos a percepção da fala e estão interrelacionados a diversos outros níveis gramaticais (como morfológico, sintático, semântico...), sem, no entanto, se confundirem com nenhum deles nem tampouco se inserirem completamente nos mesmos.

Este sistema – total ou parcialmente – é encontrado em diversas línguas, e a sua existência é confirmada por regras fonológicas e de

projeção.¹ Tais regras atuam exclusivamente no nível de cada um de seus integrantes e preenchem “vácuos” que não podem ser explicados por constituintes morfológicos e sintáticos.

2. A FRASE FONOLÓGICA: TEORIA

A frase fonológica (FF) ou sintagma fonológico é um constituinte de nível médio que, de acordo com Bisol (1996: 254), seria “o constituinte que congrega um ou mais grupos clíticos, ou seja, o grupo clítico propriamente dito e a palavra morfológica, ambos **C** neste nível.” O grupo clítico (**C**) seria uma forma semelhante a uma palavra que, destituída de acento, não mantém sua independência total em um enunciado, ligando-se, então, a uma palavra fonológica, por exemplo, as expressões: “de vidro”, “de relance”. Assim, de acordo com a definição supra, a frase fonológica seria constituída por um ou mais grupos clíticos.

Seguindo fielmente a linha de Nespor e Vogel (1994), a lingüista brasileira explica-nos que a frase fonológica pode ser definida a partir dos três princípios a seguir:

- (I) o domínio da FF abrangeria o **C** que contém o núcleo lexical (X) e todos os demais **Cs** de seu lado recursivo, até o próximo núcleo lexical (X₂), fora da projeção máxima de (X);
- (II) construir-se-ia a FF agregando-se, de forma n-ária, todos os **Cs** inclusos na cadeia supra mencionada;
- (III) a proeminência relativa dentro da cadeia n-ária seria determinada pela ramificação sintática da língua em questão. Assim, em línguas ramificadas à direita, como o português, o nó mais forte (“s”) – também denominado por Bisol (1996: 255) como “cabeça de constituinte prosódico” – seria o mais à direita; em línguas cuja ramificação faz-se à esquerda, o nó localizado mais à esquerda seria rotulado de “s”. Os demais nós, irmãos de “s”, são rotulados de fracos (“w”).

Nenhuma das autoras mencionadas especifica com maiores detalhes, o que faz com que um elemento que se sobressai, seja

proeminente em relação aos demais. A esse respeito optam Nespor e Vogel (1994: 19) por “*uma convenção mais simples*”, *ipsis litteris*, a saber: “[...] a relação de proeminência relativa entre os nós irmãos se caracteriza pela atribuição do valor forte (s) a um dos nós e o valor (w) ao restante.”

Contudo, é possível inferir que o termo “proeminência relativa” também estaria ligado a questões de tonicidade, já que, páginas adiante, mencionam (Idem, *ibidem*: 23):

No que se refere a detalhes dos esquemas de proeminência relativa, [...] sem dúvidas, será necessário um sistema mais complexo, como, por exemplo, aquele que combine as propriedades da grade [métrica] com os âmbitos da hierarquia prosódica... [nossa sublinha]

Conclui-se, assim, que na frase fonológica teria lugar um núcleo lexical (denominado (X)), que seria determinado tanto pela posição sintática “*mais à direita*” como pela tonicidade (vide nossa sublinha na citação supra).

Segundo Nespor e Vogel (1994: 195-196), o papel de núcleo lexical (X) pode ser exercido por nomes (substantivos e adjetivos) e verbos, porém a categoria do elemento não é mais relevante do que a posição que ocupa dentro de FF. Assim, todos que se encontram no lado recursivo de X, dentro de sua projeção máxima – ainda que seja outra categoria principal – se inscrevem na mesma FF. Categorias sintáticas principais são núcleos prosódicos só quando estão em posição não-marcada. Por exemplo, quanto à colocação de adjetivos e substantivos, as línguas românicas consideram como *posição não-marcada* o adjetivo que segue o substantivo, e como *posição marcada* o adjetivo antecedendo o substantivo. No segundo caso (posição marcada – adjetivo antecedendo substantivo) ambos os componentes seriam agrupados em uma única FF, o que não ocorreria na outra posição (não-marcada). Visualizemos o afirmado, que será comentado adiante.

(1) posição não-marcada: | menino |_{FF} | bom |_{FF}

(2) posição marcada: | bom menino |_{FF}

3. A FRASE FONOLÓGICA: PRÁTICA

No presente trabalho analisamos dados obtidos a partir de gravações de conversas espontâneas e de leituras de textos² por informantes experientes goianos. Ao aplicarmos a teoria acima exposta, encontramos certa dificuldade, pois ela não permitiu uma delimitação natural da FF. Embora tratem de um constituinte *prosódico*, Nespor e Vogel (1994) não desvinculam seu trabalho da base sintática, em torno da qual versou a maior parte das explicações acerca da FF. É certo que mencionam superficialmente a questão da tonicidade, porém esta não foi trabalhada mais detalhadamente – e o resultado dessa omissão pode ser visualizada no seguinte trecho retirado de Frota (1994: 82), que aplica a teoria *ipsis litteris* ao português europeu:

(3)“...[As alunas] ϕ [todas] ϕ [ofereceram-lhe] ϕ [rosas] ϕ ”

As divisões efetuadas em (3) não lembram frases fonológicas, mas simples clíticos isolados dispostos lado a lado. Onde estaria a dominância do núcleo sobre os demais? Como determinar que nome (substantivo ou adjetivo) ou verbo seria o núcleo de FF em sintagmas expandidos, sem segmentá-lo em “frações clíticas”?

Ao estudarmos enunciados, verificamos que, dentre os elementos prosódicos, mostraram-se mais relevantes na delimitação das FF as pausas, ritmo, acento, tempo, sândi e juntura, os quais examinaremos brevemente a seguir:

3.1. Pausas

As pausas – pequenas interrupções na seqüência sonora do enunciado que limitam os constituintes – têm as mais diversas funções: atuar aerodinamicamente, permitindo que o falante respire durante a fala; servir a este como instrumento de segmentação sintática ou como indicativo de alterações bruscas no enunciado, entre outras. Conforme Mira Mateus (1990: 203), “As pausas coincidem, de um modo geral, com fronteiras sintáticas, marcando freqüentemente [sic] as fronteiras de frase e, no interior das frases, as fronteiras de constituinte.”

A autora também reconhece a existência de “pausas potenciais”, ou seja, das variações melódicas que podem ser atribuídas a um mesmo enunciado, sem que os limites entre os constituintes sejam delimitados por pausa real. Estas pausas “potenciais” podem vir a ser localizadas por meio de instrumentos, através do registro da frequência fundamental (F_0). Mira Mateus afirma (1990: 203):

Freqüentemente, a frequência [sic] fundamental desce sobre a última sílaba acentuada de uma unidade entonacional e volta a subir até a primeira sílaba acentuada da unidade seguinte, sem que tal movimento seja acompanhado de pausa.

Tais variações melódicas (tonais) do enunciado encontram-se em posições, nas quais virtualmente poderia instalar-se uma pausa.

Khavrônina e Krylova (1989: 16-17) parecem ter o mesmo posicionamento de Mira Mateus, ao afirmarem que, entre tópico e comentário, pode não vir a ocorrer pausa, mas uma “sensação” de pausa, originada pela alteração de tons. Acreditamos que tal “sensação de pausa” corresponda à “pausa virtual”.

A questão da pausa virtual surgiu em nossa pesquisa, pelo fato de termos selecionado alguns textos sem vírgula, nos quais os nomes foram expandidos com vários determinantes, o que originou sintagmas bastante longos. Os informantes, contudo, segmentaram sem dificuldade essas passagens, utilizando-se ora de pausas reais, ora de pausas virtuais – essas últimas menores e ligadas a fatores supra-segmentais. Cagliari (1992: 143) está entre os autores que discorda da noção de pausa virtual.

Em nosso trabalho constatamos a grande importância de pausas – reais e virtuais – na delimitação da FF. As pausas reais indicam, quase sempre, o término de uma frase entonacional ou de um enunciado e o início do próximo. Como os constituintes inserem-se totalmente uns nos outros, logicamente, a fronteira de uma pausa real apontaria o término de alguma FF, inserida nos outros constituintes de hierarquia superior, como num encaixe sistemático.

A realização de uma pausa e sua duração dependem, por um lado, das necessidades respiratórias do falante e, por outro, das

funções sintáticas que exercem. Em pausas reais, essas funções (segmentação sintática, alterações de enunciado, entre outras) ligam-se a domínios superiores à FF e são de vital importância, pois delas dependem a continuidade melódica do enunciado e sua coesão. Diante de uma pausa real manifestam-se certas características de cunho segmental, como a não-assimilação de contóides surdos diante de vogais, como em:

(4) “em que o rema coincide com certos papéis semânticos||] em presença de certos outros.”

“Aí convidou ele[s||] aí eles sentaram.”

A conservação da qualidade desses contóides não costuma ocorrer no interior da FF, no qual o sândi externo dissolve antigas fronteiras entre palavras e origina a assimilação por sonoridade de contóides surdos:

(5) “tod[uzuze]nunciados...”

“Do jui[z'ε:]

“Tod[uzuze]lefantes...”

A assimilação por sonoridade seria, então, uma regra de interior de domínio da frase fonológica.

Pausas virtuais são obtidas através de valores relativos, porém podem ser registradas fisicamente, ao compararmos altura tonal ou mesmo alternâncias de velocidade de um determinado segmento com tom e velocidade de outro. Se após um *continuum* alto, ascendente, ou mesmo descendente, temos imediatamente um tom médio, cria-se uma situação de pausa virtual.

A pausa virtual é realçada ainda mais pelas alterações de velocidade do informante:

(6) “É por causa do cursinho, Irene. Cê vê, o cursinho é assim...”

[,ε'p̃,ka'wzε'dukur'si:ɲu | ɪ,rê'ɲɪ || ,sε've: | ukur'si:ɲu || ,ε'e'si:||]

No exemplo acima, observa-se o destaque semântico dado a certos vocábulos em função da simples alteração de velocidade, o qual auxilia, inclusive, na manutenção da coesão do enunciado.

Ao nosso ver, pausas virtuais manifestam plenamente os contornos de FF, podendo ser visualizadas, em primeiro lugar, pela variação do *tom*, não obstante variações tonais também ocorrerem em instâncias maiores, como **I**, sob a forma de tessituras – isto é, palavras e frases inseridas no discurso principal. As diferenças entre um e outro empregos seriam funcionais e físicas: em **I**, a elevação ou abaixamento tonal (juntamente com a entonação) poderiam estender-se por um âmbito maior do que o da FF. Acreditamos que (7) ilustre o afirmado:

(7) “A mesma tradição de análise a que se deve o conceito de articulação marcada...”

[e'me:zmø⁺ | t̥rɛd^j,sẽw̃d^jje'na:lɪzɪ]_I [ɛcɪsɪ,d̥ɛ'vjukõ'se:jt̥u|
d^jɪ, ɛ'rt̥^jɪkʊl̥e'sõ:w̃| mɛx'ka:d̥ø⁺||]_I



(8) de articulação | marcada

Em (7), a tessitura pertencente a segunda I inicia-se em “...a que se deve...” e encerra-se em “...marcada”. Dentro desse período levado em tom baixo, encontramos três frases fonológicas com seus respectivos núcleos acentuais e contornos. Por outro lado, em FF, a alteração tonal de que nos valemos restringe-se ao limite entre palavras – a micromelodia daquela mais à direita, seguindo seu curso normal dentro do constituinte, como em (8).

Numa segunda instância, quando não é possível delimitar a FF unicamente pelo tom, devemos observar a *velocidade do enunciado*, que se torna mais *lenta* durante a pronúncia do núcleo de FF. Caso ambos os fatores anteriores estejam neutralizados, vemos a força acentual influir na cisão de FF; afinal, em cada frase fonológica temos um único núcleo, que se sobressai perante os demais componentes.

Segundo Mira Mateus (1990: 203), normalmente não ocorrem pausas entre especificadores e o núcleo sintático. Somente em casos de ênfase, quando então “...qualquer elemento pode constituir, por si só, uma unidade entonacional, incluindo um clítico.”

3.2. Acento e Ritmo

Verificamos que os falantes manobram a tonicidade criando uma hierarquia de acentos, com o intuito de manter a unidade e a coerência semântica de FF. Como isso se explicaria? Isoladamente, a palavra é constituída de sílabas átonas agrupadas próximas à sílaba tônica, portadora de acento – este último, um elemento estruturante. Na cadeia da fala, porém, a palavra passa a integrar novos e complexos níveis, perdendo parcialmente sua autonomia. Os acentos tônicos individuais de cada palavra passam a ser secundários em relação ao acento principal da frase fonológica. Portanto, em cada FF encontramos um único acento principal, um único núcleo tônico, que parcial ou totalmente é pronunciado com maior intensidade e lentidão do que os demais integrantes do sintagma. Acreditamos ser este o principal ponto que diferencia a FF dos outros constituintes prosódicos e que nos distancia um pouco da teoria exposta por Nespor e Vogel (1994) e Bisol (1996). Eis alguns exemplos retirados de trabalho anterior (Calaça, 1999: 56-59), aos quais aplicamos a grade métrica, que corroboram o afirmado. Comparem-nos com (1) e (2):

(9) posição não-marcada:

```

          *
          *
        *  *
|os cozinheiros gordos|

```

```

      *
      *
     *  *
|a lua pálida|

```

```

          *
          *
        *  *  *
|é um edifício belo|

```

(10) posição marcada:

```

      *
     *  *
     *  *
|os gordos cozinheiros|

```

```

      *
      *   *
      *   *
|a pálida lua|
      *
      *
*   *   *
|e um belo edificio|

```

Eis nossa interpretação para os exemplos supra: o português é uma língua com árvore sinttica normalmente ramificada à direita. Dessa forma, em enunciados não-marcados, a última palavra à direita seria o não mais forte (vide (9)). Contudo, enunciados estilisticamente marcados (conforme (10)) são encontrados em grande número, como quando adjetivos antecedem substantivos. A esse respeito, afirma Lapa (1991: 106):

...o adjetivo anteposto ao substantivo forma com ele uma espécie de grupo fraseológico, em que ambos elementos perdem um pouco do seu valor, em proveito do conjunto.

Aparentemente, esse “grupo fraseológico” ocorre pelo fato de intuirmos a posição pospositiva do adjetivo. Encontrando-se o mesmo deslocado, buscaremos salient-lo entonacionalmente. Porém, como a última palavra à direita – no caso, o substantivo – atrai nossa atenção mecanicamente, sentir-nos-emos divididos, o que pode gerar flutuações: hierarquias acentuais dentro de FF ou mesmo sua cisão em duas FFs distintas, conforme os exemplos que seguem:

- ```

 *
 * *
 * *
(11) os gordos cozinheiros
 * *
 * *
 * * *
(12) bastante veiculad | conceito
 *
 *
 * *
(13) veiculad | conceito

```

A presença de intensificadores, quantificadores e de negação também ocasiona alterações dentro de FF. A força semântica e estilística de alguns modificadores como “certo(s)”, “todo(s)”, “bastante”, “não”... pode gerar flutuações na posição do núcleo tônico:

- \*  
\*   \*  
\*   \*
- (14) os elefantes todos  
\*  
\*   \*
- (15) os elefantes todos  
\*  
\*   \*
- (16) não gosta  
\*  
\*   \*
- (17) ela não quer seguir (é nada)  
\*   \*   \*   \*

Porém, na maioria das vezes, os modificadores – pronomes demonstrativos, indefinidos e de negação como “próprio” “tudo”, “certo”, “nada”, “ninguém”, “não”... tomam para si o acento nuclear de FF.

Um estudo preliminar de Bessa Neto (1996: 162) sobre os pronomes “próprio”, “certo” e “qualquer”, por exemplo, revelou que:

...esses itens possuem boa capacidade de se mover dentro do SN [Sintagma Nominal] e que, nas diferentes posições em que podem figurar, revelam traços semânticos diferentes.

Daí resulta que as flutuações acentuais encontradas em (11)-(17) poderiam ter sido geradas por idiossincrasias de natureza semântica, em função da posição em que se encontram e da interpretação específica que o leitor/falante lhe atribuiu no momento.

Por outro lado, se formos examinar melhor os exemplos (11), (12), (14) e (16) veremos que estes não se inserem na teoria de Nespor e Vogel (1994), de acordo com a qual o nó da direita é sempre o núcleo acentual da FF (conforme exemplos ilustrativos (1)

e (2)). Aqui consideramos não apenas a base sintática, que nos pareceu muito restrita, mas também – e principalmente – a hierarquia tônica, que nos mostrou ser mais condizente com a realidade. Da mesma forma em que num vocábulo encontramos sílabas pretônica e postônicas, postulamos que, na frase fonológica, é possível encontrar clíticos átonos antes ou após o núcleo tônico, neste caso, encerrando-a e dando-lhe fluidez. O procedimento pelo qual optamos parece se adequar melhor aos dados, permitindo uma descrição mais simples e natural dos mesmos.

### 3.3. Tempo

Tempo seria a duração do enunciado, também relacionada à velocidade da fala<sup>3</sup>. É analisável a partir das variações de velocidade do “débito” – velocidade peculiar de cada falante na corrente da fala. Ou seja, não obstante os indivíduos terem débitos diferentes (cada um ter sua velocidade própria ao falar), é possível registrar seus tempos de maneira uniforme. Mira Mateus (1990: 209) completa:

É também fundamentalmente o tempo que permite distinguir, de um ponto de vista prosódico, uma frase imperativa de uma interrogativa QU-, ou mesmo de uma declarativa...

De acordo com Tcheremíssina (1982: 114-116), a organização temporal da frase fonológica depende do papel semântico das palavras que a compõem. Seu centro é sempre pronunciado mais lentamente, podendo o ouvinte discernir inclusive as mais minuciosas variações temporais do enunciado. Nos textos que examinamos, os informantes armaram uma espécie de jogo, conciliando os tempos “rápido”, “normal” e “lento” (a ênfase é marcada com sublinhado duplo) para transmitir a hierarquia semântica dentro do enunciado, como em:

(18) O irmão da menina... mas Osnilda, uma educação... você precisa de vê.

[wɪx'mã:vw̃demĩ,ŋĩ'nə' || ma'jz'ni:wðə' | ,ũ:mə'eduka'sê:w̃ | ,se'prɪ'sizə' | d'i'vê: ||]

Os trechos pronunciados mais rapidamente demonstraram que o pensamento ali expresso era secundário, formando apenas um “pano de fundo” para a linha primária, que seguiria um pouco adiante. Este corte na linha do pensamento foi salientado, às vezes, pelo próprio tom – mais baixo que o do restante da frase.

Da mesma forma, palavras e sílabas tônicas – principalmente as ligadas ao núcleo tônico da FF – eram quase sempre pronunciadas mais lentamente, propiciando um realce semântico para o trecho em questão e prendendo a atenção do ouvinte.

Constatou-se, também, que a velocidade de enunciação das frases fonológicas interfere na sua dimensão, pois as mesmas, ao serem pronunciadas mais rapidamente, ficavam, por vezes, maiores.

(19) “consiste num sistema...” Informante “c” [ | kō'si:stʰi |, nũ'sis'te:məʔ | ]

Informante “d” [ | kō,si'stʰi,nũ'sis'te:məʔ | ]

Embora maior, a frase fonológica pronunciada pelo informante “d” continua tendo apenas um núcleo acentual.

### 3.4. Sândi ou juntura

Neste trabalho, consideraremos apenas o sândi ou juntura externa, ou seja, as alterações fonético-fonológicas que ocorrem em fronteiras vocabulares, quando da justaposição de “formas livres mínimas” na corrente da fala.<sup>4</sup>

Câmara Jr. (1977: 47) explica que encontramos na palavra “... uma gradação de intensidades menores, ou atonicidades variáveis, que são foneticamente bem depreensíveis...” e que se constituem fatores determinantes na instauração dos limites vocabulares. A começar pelo acento tônico, que, num grupo de força, diminui de intensidade, subordinando-se ao último acento tônico do grupo. A subtonicidade é uma característica também encontrada em vocábulos compostos, segundo Câmara Jr., e, ao nosso ver, em frases fonológicas.

Em relação às demais sílabas, o autor registrou três graus de atonicidade nos paroxítonos (Idem ibidem, 48): a máxima “em sílabas

átonas finais”; a média “nas pretônicas não-iniciais ou iniciais começadas por vogal” e a “...atonicidade mínima, nas pretônicas iniciais começadas por consoante.”. Em vocábulos proparoxítonos as sílabas postônicas seriam ambas débeis, possuindo a atonicidade máxima.

Embora seja mecanicamente condicionado por sua posição em relação à sílaba tônica, o grau de atonicidade distingue os limites entre vocábulos dos de outras combinações semelhantes, pertencentes ao domínio interno da palavra. A atonicidade máxima seria, portanto, um indício de juntura vocabular.

Arrolaremos, a seguir, considerações sobre junções de palavras peculiares à FF e ao dialeto goiano em questão, considerando sempre que variações de registro influem nos resultados.

### 3.4.1. Junções de palavras em fronteiras da FF

- Quando dois vocóides iguais ou semelhantes encontravam-se em zonas limítrofes da FF, surgia um hiato, ou seja, manteve-se a seqüência de dois núcleos silábicos, dois tempos articulatórios. Exemplos:

(20) [u | u]

era gostos [u | u] salgadinho

pena que tava fri [u | u] salgadinho

resum[u | u]s exercício(s)

(21) [u | ũ]

eles (a)rrumar[u | ũ]ma...

(22) [i | i]

quem que é pa..crent[i | i]quem que é católico ali?

O mesmo tipo de hiato ocorreu com o contóide [s] em fronteira de FF:

(23) [s | s]

certo[s | s]lingulares...

papéi[s | s]lemânticos

- Como alguns vocóides postônicos finais estavam bastante debilitados, a sua articulação deu-se de forma incompleta, ensurdecida:

(24) [ɪ] –tradição de análise[ɪ | ]

(25) [ʊ] –(rema) referid [ʊ | ]

- fonema /s/ diante de pausas manteve suas qualidades originais, manifestando-se como o fone [s]

(26) era nove hora[ s||]

### 3.4.2. Junções de palavras no interior da FF

- O fonema /s/ entre duas palavras pertencentes a uma mesma frase fonológica realiza-se como [s] diante de fones surdos e como [z] diante de vocóides ou fones sonoros.

(27) “nós chegamos” [ |noːjs[e'gõ:mu|]

(28) “e os meninos” [ |ju :zmĩñi:nu|]

- É comum tanto vocóides quanto contóides elidirem-se nos sândis dentro da FF:

(29) a par [tʰ] do juiz

(30) É [pʰ] causa ...

- No que tange à fala espontânea, verificamos interessante processo morfossintático em andamento, envolvendo o número plural. Nomes semanticamente plurais acompanhados de pré-determinantes plurais, não recebem a desinência que lhes compete. É assim que encontramos com grande freqüência:

(31) as minhas prova; os exercício

(32) os menino

Em leituras orais – cuidadosas e tensas – este processo é mais raro, porém conseguimos registrá-lo:

(33) tod[u] enunciad[u s]

Aqui, um pequeno comentário. Aparentemente, ao resguardar o ritmo acentual que lhe é tão característico, o falante goiano busca evitar “tautologias” numéricas, ou seja, indica número plural nos determinantes e não o repete nos nomes. Um detalhe: observamos, que, havendo dois pré-determinantes na variante oral culta ambos recebem o morfema plural. Somente o nome mantêm-se no singular, como vemos em (31). Isso gera frases fonológicas bem mais coesas, pois o nome passa a depender parcialmente de um elemento externo – o morfema plural de seu determinante – para completar-se semanticamente.

- Da mesma forma, ora os verbos têm suas desinências plurais elididas:

(34) “nóis chegam[u] cedo”; eles começ[u]  
 ....ora são mantidos na terceira pessoa do singular:

(35) era nove horas

(36) as minhas prova | foi na quarta-feira

- Nos verbos também ocorre a monotongação dos ditongos “-ou” e “õw”, que perdem o glide e alongam-se:

(37) ficou → [fr'ko:]

(38) estou → [t'o:]

(39) sentaram → [sẽ'ta:ru]

- Eliminação do “-r” em infinitivos verbais, com posterior alongamento da vogal que o antecedia:

(40) seguir → [sɪ'ji:]; contar → [kõ'ta:]

(41) tomar → [t'o'ma:]

(42) encontrar → [ĩkõ'tra:]

Desaparecimento de sílabas átonas iniciais (aférese):

(43) está → [t'a:]

(44) arrumaram → [χũ'ma:ru]

As subtrações de elementos de que aqui tratamos, bem como outras – mais esporádicas e menos sistemáticas – influem na dimensão da frase fonológica que, no falar goiano, pode vir a ser bem ampla. Sua coesão, todavia, é mantida pela hierarquização tônica e por outros fatores analisados anteriormente.

Em conclusão, um pequeno comentário: ainda no início deste capítulo, mencionamos a segmentação de um enunciado encontrado em Frota (1994: 82) e reproduzido sob o número (3), o qual nos causou estranheza. Em nosso material encontramos algo semelhante. Uma de nossas informantes segmentou as passagens: “todos interessantes enunciados” e “com certos singulares papéis semânticos” num ritmo mais silábico, que foi assimilado no contexto com um colorido semântico entonacional. Isso foi possível, pois a informante criou uma hierarquia de acentos dentro das referidas passagens. Essa hierarquia manteve a coesão de todo e auxiliou o ouvinte a assimilá-lo. Todavia, em Frota, a hierarquia acentual não foi registrada, dificultando a apreensão do conteúdo semântico. Cremos poder, inclusive, afirmar que a clitização de frases fonológicas: 1) é possível como meio estilístico, pois foge um pouco à naturalidade da fala coloquial; e 2) eleva FF a categorias prosódicas superiores, mais ligadas à questão tonal, a fim de ser bem assimilada semanticamente.

A realização do presente trabalho despertou-nos uma série de indagações acerca da formalização da lógica interna na estruturação da frase fonológica, algumas das quais esperamos solucionar durante o trabalho que ora realizamos no curso de doutorado.

## NOTAS

\*Artigo elaborado a partir da dissertação de Mestrado “A Frase Fonológica numa Variedade Lingüística Goiana”, orientada pela Profa. Dra. Marita Pôrto Cavalcante e defendida em 1999, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás.

\*\* Mestre em Letras e Lingüística (UFG) e em Filologia Eslávica (Patrice Lumumba), Doutoranda da UFMG, bolsista da FAPEMIG.

<sup>1</sup> As regras de projeção viabilizam a interação da fonologia com os demais níveis gramaticais.

<sup>2</sup> Em textos escritos o sintagma pode ser expandido consideravelmente através de determinantes, o que permite um estudo bem mais dirigido.

<sup>3</sup> Mira Mateus (1990: 209) previne que não devemos confundir tempo e ritmo, “*na medida em que um mesmo ritmo se pode observar em tempos diferentes e vice-versa*”.

<sup>4</sup> O sândi, contudo, é um fenômeno de noções bem mais amplas, podendo ocorrer, inclusive, no interior de palavras

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BESSA NETO, R. Próprio, certo e qualquer. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, ano 5, p.161-170, jul./dez., 1996. (número especial).

BISOL, L. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 23, p.83-101, jul./dez., 1992.

BISOL, L. Constituintes prosódicos. In: BISOL, L. (Org.). *Introdução a estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

CAGLIARI, L. C. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, n.23, p.137-151, jul/dez.,1992.

CALAÇA, I. Z. P. *A frase fonológica numa variedade linguística goiana*. 1999. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - UFG, Goiânia.

FROTA, S. Aspectos da prosódia e do foco no Português Europeu. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 29, n. 4, p.77-99, dez., 1994.

KHAVRÔNINA, S. A.; KRYLOVA, O. A. *Obutchenie inostrantsev poriadku slov v russkom yazyke*[O ensino da ordem das palavras a alunos estrangeiros de russo]. Moscou: “Russkii Yazik”, 1989.

LAPA, M. R. *Estilística da Língua Portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MIRA MATEUS, M. H. *Fonética, fonologia e Morfologia do português*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 191-217, 1990.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *La prosódia*. Tradução (primeira edição em inglês: 1986). Madrid: Visor Distribuciones, 1994. (em espanhol)

TCHEREMÍSSINA, N. V. Stroenie sintagmy v russkoi hudogestvenoi retch [ A estrutura do sintagma do discurso literário russo]. In: TCHEREMÍSSINA, N.V. (Coord.). *Sintaksis I intonatsia*. [Sintaxe e entonação]. [s.l.]: “UFA”, 1969. p. 3-95.